

Cláudio Lacerda

A Constituinte esquecida

JORNAL DE BRASÍLIA

24 JUN 1986

Em meio a muitas divergências e controvérsias, a comissão constitucional nomeada pelo governo e presidida pelo professor Afonso Arinos está quase terminando seu trabalho. O Partido Comunista também anuncia seu anteprojeto, que não será socialista e prevê a instituição do parlamentarismo no Brasil.

E agora parece ter chegado a vez da CUT preocupar-se com o problema.

Mas os políticos e os grandes partidos, o que estão fazendo pela Constituinte e para divulgar suas idéias e projetos?

Até agora, absolutamente nada. Até mesmo os candidatos mais marcados por posições ideológicas, como Waldir Pires e Miguel Arraes, cuidam apenas das campanhas que fazem aos governos de seus estados, deixando as vagas para o Senado, isto é, para constituintes, à disposição de candidatos que eles próprios, em outros tempos, combateriam e chamariam de "reacionários".

O PDT do governador Leonel Brizola, com seu populismo de direita fantasiado de socialista, faz as mais estranhas alianças com o único intuito de facilitar a chegada de seu dono à presidência da República. O PMDB racha em todo o país e está cada dia mais se caracterizando como uma frente eleitoral. Se no passado pode ser uma frente contra o regime, hoje é uma frente a favor do nada.

O PDS não está nem sabendo administrar a bandeira conservadora e o PFL simplesmente não é riada. Os partidos ditos de esquerda estão preocupados apenas em brigar entre si e os pequenos estão aí apenas para vender legendas.

Se os partidos não ajudam, os candidatos muito menos. A "mosca azul" dos governos estaduais tem tido muito mais força do que qualquer projeto constituinte. A influência do dinheiro nas eleições pode atingir proporções assustadoras e até em estados aparentemente politizados, como é o caso do Rio de Janeiro, o que se vê é uma verdadeira corrida dos "compradores de votos".

E se isso acontece no Rio, o que não haverá, por exemplo, no Nordeste?

No entanto, mesmo os notórios "compradores de mandatos" estão apenas contando com o uso imoderado do dinheiro. Nenhum deles, pelo menos por enquanto, apresentou idéias, expôs projetos e defendeu soluções.

Quatro meses antes da eleição, não apareceu ainda quem se disponha a oferecer ao eleitorado suas opiniões sobre temas fundamentais para o país, principalmente quando todos se preparam para a feitura de uma Constituição que se espera democrática e duradoura. Estatização ou privatização não é tema para os candidatos, como também não tem sido a reforma tributária, a centralização de poderes, o judiciário. Não se discute nem mesmo se a nova carta deverá ser sintética ou analítica.

Ao contrário de tudo isso, a pretexto de facilitar a eleição de governadores, tramam-se as mais incríveis coligações, dessas que vão acabar elegendo comunistas com votos dos conservadores e conservadores com os votos dos comunistas.

Isso tudo está indicando que os sonhos de dar ao Brasil uma Constituição moderna, democrática, eficiente, estão ficando cada dia mais distantes. Vamos ter, é verdade, um Congresso quase que totalmente renovado em relação a este que ainda está aí. Vão surgir muitas caras novas e muitos dos veteranos e quase todos aqueles eleitos por distração popular em 82 não mais voltarão.

Mas e daí? Que garantia temos que essa aparentemente saudável renovação vai significar de fato a existência de um Congresso eficiente e uma constituinte soberana?

Ninguém ainda pode saber. Mas isso não nos impede de concluir que as perspectivas não estão animadoras. (AE)